



MEMÓRIA, PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA: PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL (?)

Silvano Fidelis de Lira
silvanohistoria@hotmail.com
(UEPB)

RESUMO

Este texto tem como preocupação central trabalhar o tema da memória de velhos no mundo da oralidade, articulando a temática com propostas de utilização no ensino de história, proporcionando assim, um trabalho que estabeleça uma articulação direta com a educação e a pesquisa acadêmica. Partimos do pressuposto que muito tem se produzido sobre história na acadêmica, mas apenas uma pequena parcela desse conhecimento tem chegado às salas de aula. Nesse sentido faz-se necessário apresentarmos a nossa pesquisa de forma clara e sucinta, a proposta articulação entre ensino de história e memória surge como inquietações que surgem com o desenvolvimento da pesquisa PIBIC, através da Universidade Estadual da Paraíba, intitulada “Memórias nas margens: histórias de velhos”, projeto que visa pensar a memória não como um elemento cristalizado, petrificado, mas, como um espaço de criação e produção de sentidos e de subjetividades. Como referencial teórico estabelecermos diálogos com autores que trabalham a memória e as subjetividades e metodologias de ensino. Tomemos por exemplo de Barrenechea (2008) que reúne uma coletânea de textos que pretendem trabalhar o tema da memória não como um dado pronto, acabado, mas dotada de subjetividades e intencionalidades. Foucault (1985) para quem a narrativa (estaremos trabalhando com narrativas de vida) se constitui enquanto uma estética da existência, permeada de representações pessoais e culturais. No campo da prática de ensino, lançaremos mão das diversas propostas de ensino, tendo em vista que nos auxiliem a pensar a educação enquanto espaço de troca de saberes, defendemos uma educação que proporcione a pesquisa, desperto no aluno o desejo de conhecer de descobrir. Nossa pesquisa então estará ligada a três temáticas, que podemos chamar de geradores, a tríade, memória, pesquisa e ensino de história. Quando no propomos a discutir a temática da memória e das narrativas de vida estamos em articulação com a chamada História do Presente, tendo em vista que a memória e as narrações de vida são atividades humanas que partem do presente e mergulham no tempo para buscarem elementos de sua constituição, a memória é uma construção que serve ao presente, e não a uma representação do passado, questão perceptível nas histórias contadas pelas pessoas idosas. A pesquisa está sendo desenvolvida com idosos da cidade de Campina Grande – PB, não estamos buscando memórias de cunho social ou coletivo, mas objetivamos colher depoimentos de histórias de vida, com o intuito de pensarmos como essas pessoas constroem percursos alternativos aonde imprimem suas subjetividades nas lembranças, seria ilusão pensarmos em narrativas lineares, objetivas, por isso estamos atentos aos silenciamentos, aos cortes, as descontinuidades destas histórias de vida. Para tanto utilizamos como instrumento metodológico da pesquisa a História Oral, entendendo-a como um procedimento de coleta e tratamento de dados, tendo como objetivo a construção de um corpus documental.

Palavras-chave: Memória; Pesquisa; Ensino de História.

Falar em memória na atualidade é remete-se a um conceito que desperta inúmeras posicionamentos teóricos e ideológicos, mas de que memória estaremos falando? Da memória social, da memória cultural, da memória étnica, ou simplesmente de memória, ignorando os esfacelamentos a que esta foi submetida?

Um grande número de trabalhos vem sendo desenvolvidos com o objetivo de explorarem os territórios da memória, trabalhos que se desenvolvem, sobretudo dentro do campo das





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ciências humanas e sócias, a exemplo da História, da Sociologia e da Comunicação Social. Observa-se que a sociedade atual tem vive um verdadeiro “*Império da Memória*”, como afirma Jacy A. de Seixas (2009. p, 37).

Um dos trabalhos clássicos sobre a memória foi desenvolvida no campo da Sociologia, os trabalhos de Maurice Halbwachs nos ajudam a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão de eventos individuais na qual resultam mudanças que se produz em nossas relações com os grupos, essa memória passa por teias de relações pessoais entre os grupos sociais, ela se mistura com outras narrativas e tem uma grande dinamicidade, ele acredita que a memória e o ato de lembrar estão intimamente associados ao grupo, por esta via a memória passa a ser coletiva, uma imagem construída através daquilo que nos é disposto no presente. Nas análises de Halbwachs, toda memória é coletiva, e qualquer memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, portanto ela não existe.

Em nossa pesquisa é preciso evocar as memórias, para entendermos o que faz com que determinadas lembranças continuam se perpetuando nas memórias dos velhos e quais as mudanças que lhe foram incorporadas com o tempo, por isso, torna-se importante analisarmos as composições sociológicas de Halbwachs acerca da composição coletiva de memórias, tendo em vista que o velho ao narrar a sua existência faz associações, evoca o outro em sua narrativa, ele constrói através de suas lembranças uma memória que mais parece uma colcha de retalhos feita artesanalmente. Mas porque a memória dos velhos faz essas buscas do outro? O sociólogo acredita que a evocação de outras pessoas ou de outros testemunhos na narrativa pode fortalecer e completar, preencher lacunas.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. [...] Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. (1990. P, 25)

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. Halbwachs cria uma sociologia da memória, O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças, na





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

perspectiva construída por ele, a memória não seria um elemento estático e pronto, ela estaria aberta aos encontros, às relações sociais. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico, por isso a memória do grupo sempre é evocada para se perceber a identidade de um grupo.

Mais mesmo a memória do grupo, com suas associações e semelhanças, é falha, é inconstante. A memória é uma construção que não segue qualquer linearidade. A memória se modifica e se rearticula conforme posição que ocupo e as relações que estabeleço entre diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, os esquecimentos, entre outros.

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem, a linguagem é elemento articulador entre o mundo da memória e o vivido. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem como elementos primordiais da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi (1994) a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes.

A memória é acionada de acordo com nossa vontade, e trás consigo outras que muitas vezes negligenciamos, a memória é uma força da subjetividade humana que permanece muitas vezes oculta até que a evoquemos. Ele corta, seleciona. É uma atividade artística. Segundo Ecléa Bosi (1994);





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (p. 47)

Nem sempre a memória lembra, muitas vezes há um deslocamento de sua função. Ela está sempre constituindo uma articulação com os esquecimentos, que não se constituem como falhas, mas são atividades, opções de quem recorda. A narrativa memorialística também pode estar a serviço do “*silêncio e do esquecimento*” (Pollak, 1989) constituindo-se em uma forma de negação ou não aceitação de um passado que se pretende esquecer.

Feita uma discussão acerca das concepções de memória coletiva, tendo em vista que trabalharemos com um grupo, os idosos, embora nossa pesquisa busque as particularidades das Histórias de vida. Entendendo que narrador constrói na narrativa uma arte, um “narrar-se” estaremos aqui pontuando questões referentes ao tema da memória articulada a uma arte da existência, a memória enquanto uma *estética da existência*. A memória, além de se estabelecer entre as relações pessoais da comunidade ou do grupo é também uma arte de si, uma criação de si. Ela se constitui enquanto uma estética da existência, permeada de representações pessoais e culturais.

Alguns estudiosos do pensamento foucaultiano (Roberto Machado, 1988; Silvio Gallo, 2004), passaram a classificar seu pensamento em três fases, ou três momentos de sua escrita, a saber, a primeira fase em que seu pensamento estaria preocupado com o conhecimento epistemológico em que a grande preocupação seria desvendar os saberes e como eles foram estabelecidos, essa fase de seu pensamento seria marcada pela publicação de *As palavras e as coisas* (1966); a segunda fase é a que Foucault irá procurar mostrar a relação entre os saberes e os poderes, através de uma relação política, a segunda fase é, sobretudo marcada pela publicação de *Vigiar e Punir* (1975) e por fim a terceira fase, conhecida como fase ética que o filósofo francês, Michel Foucault se preocupará de forma mais direta com o sujeito, Foucault passará a escrever sobre a vida enquanto uma obra de arte momento marcado pela publicação da primeira edição de *A História da Sexualidade: a vontade de saber* (1976), projeto interrompido com a precoce morte do filósofo em 1984.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Em Foucault o sujeito é criador de uma arte, uma arte que se configura em sua vida e em sua forma de viver, em que podemos criar possibilidades de moldarmos a nossa existência. Portanto, a narrativa enquanto arte de contar a própria vida é também uma arte, uma estética em que o sujeito se molda, cria uma nova imagem de si mesmo e de seu passado. Foucault buscará embasamento na escrita de Nietzsche e em seus estudos sobre a vida dos gregos. “Seguindo os passos de Nietzsche, Foucault volta aos antigos gregos, para caracterizar a Ética deve ser uma *estilística da existência*, que cada indivíduo deve moldar a sua vida como se produzisse uma obra de arte.” (Gallo. 2004. p, 95) (grifos do autor).

Mas se a memória é uma construção do presente que vai buscar no passado seus fundamentos, ela se estabelece através da linguagem, da fala. Para tanto é preciso entender os principais fundamentos teórico-metodológicos da História Oral, metodologia de coleta de depoimentos orais que ganha espaço nas ciências sociais a partir da década de 70 do século XX. Muito tem se discutido sobre o seu lugar, não pretendemos aqui adentrar ainda mais na questão, tendo em vista que a História Oral não precisa mais ser defendida ou condenada, ela é apenas uma escolha metodológica que caminha, ou não com a operação historiográfica.

Para compreendermos os principais conceitos e métodos da História Oral, utilizamos (HOLANDA E MEIHY. 2007) *A história oral de vida*, esta modalidade na pesquisa oral tem como principal objetivo fornecer ao narrador certa liberdade, para que sua narrativa siga seus próprios fluxos, com as entrevista de história de vida pretende uma entrevista sem mediações, aonde o narrador automaticamente vai construindo a narrativa de sua vida, passando por caminhos dirigidos pela subjetividade pessoal, neste caso o narrador constrói a sua autobiografia, que no tratamento da entrevista será analisada e visitada pelo pesquisador que extrairá dali pontos pertinentes a sua pesquisa, uma das vantagens das entrevistas orais de vida é o fato de que muitas vezes o narrador fala aquilo que nem vinha a mente do pesquisador, mas se mostra como um novo caminho da pesquisa.

Outra modalidade da pesquisa em história oral é a *história oral temática* é pré-concebida pelo pesquisador, estabelecendo pontos que norteiam a pesquisa, sendo mais objetiva no que se pretende pesquisar, este tipo de entrevistas são geralmente direcionadas pela utilização de questionários específicos, este se torna uma peça fundamental para a aquisição de detalhes





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

objetivos sobre o tema, direcionando os rumos da pesquisa. A história oral temática tem pontos positivos e negativos, por um lado esta se propõe mais objetiva quanto ao tema, por outro lado ela inibe a fala do depoente, deixando por vezes lacunas nas entrevistas feitas.

Nosso projeto aborda as duas formas de entrevistas orais, tendo em vista que se trata de uma pesquisa ampla, que busca conhecer várias facetas presentes na vida dos idosos, em determinados buscaremos as histórias de vida, as suas experiências, as trajetórias individuais, em outros momentos somos motivados a abordar pontos específicos das lembranças, sobretudo quando quisermos criar um diálogo entre a pesquisa e conhecimento escolar. Em ambos os casos as entrevistas serão gravadas e transcritas para posterior análise.

A pesquisa com oralidade exigem um tratamento diferenciado, não as entendemos como uma verdade absoluta, mas como uma construção subjetiva, uma versão da experiência construída pelas necessidades e intencionalidades do presente. As pesquisas sobre memórias exigem do pesquisador um tratamento especial e serem tratadas como documentos, tornando-se segundo a atuação do pesquisador em parte integrante da pesquisa. O historiador é que dá legitimidade às narrativas, através da sua utilização na construção do conhecimento, é o historiador que faz dela uma fonte, a oralidade é uma arte que é manipulada. “A História se utiliza de documentos, transformados em fontes pelo pesquisador.” (LUCA e PINSKY. 2009).

O trabalho com as narrativas orais é uma prática que há alguns anos vem sendo bastante utilizada pela História e pelas demais ciências humanas, desde a década de 1960 as pesquisas que utilizam a oralidade veem se destacando, antes se postulavam que essa modalidade de pesquisa viesse dá voz aos vencidos, hoje essa questão vem sendo reavaliada, hoje a dita “História Oral” vem sendo tanto utilizada como criticada. Trabalhar com as narrativas orais na pesquisa é se colocar diante de uma das questões mais polêmicas da atualidade.

Afinal, que História é essa que se faz através da fala e se encerra na escrita? Seria a fala uma forma possível de História? Como expressar os gestos articulados em uma entrevista na escrita? São questões como essas que o pesquisador se depara. De acordo com Tedesco (2004);

A fonte oral, por ser viva, é parcial; exige confronto com o outro, diferenças e unidade, diálogo, *entre-vistas*, processo de aprendizado, conversas, enfim, subjetividades, não bem vistas por algumas correntes mais tradicionais do campo





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

da história e de algumas filosofias e metodologias da ciência de base cartesiana e adeptas à ortodoxia. (p, 113) (*grifo do autor*).

Mas como escrever a fala do narrador? A questão que se coloca é como colocar em letras as gestualidades, as expressões corporais durante as conversas? Essa questão implica uma *entrevista*, uma relação de interpretação entre o narrador e o ouvinte. As falas das pessoas idosas na grande maioria das vezes são marcadas pelos silenciamentos, conversas que vão e vem, sem nexos, mas repletas de interpretações a cerca do acontecido.

A conversa é arte, arte que se propõe a manipular a fala torná-la compreensível, o historiador manipula a fala do narrador, se propõe a interpretar a voz. A pesquisa que aqui buscar no outro a sua fonte se dá a partir de uma conversa, de um diálogo, mais uma conversa do que um diálogo, a conversa que tanto é abominada nos bancos escolares, a conversa que é a “inimiga do aprendizado. Segundo Michel de Certeau (2007); “A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’”.

O trabalho com as narrativas orais requer do pesquisador todo um aparato teórico-metodológico que possibilite um trabalho eficaz e produtivo, neste sentido, vários historiadores tem se debruçado a escrever sobre o tema que vão desde a preparação ao tratamento e transcrição das entrevistas.

Todavia é preciso uma série de cuidados. Em nosso trabalho utilizamos uma espécie de manual. “*História Oral: como pensar, como fazer*” José Meihy e Fabíola Holanda (2007) a obra fornece ao pesquisador – sobretudo o iniciante – importantes passos para a realização das atividades de pesquisa, desde como escolher os entrevistados até como proceder durante a transcrição do material.

Mas, após discutirmos a problemática da memória e da oralidade é preciso agora nos determos a pesquisa enquanto auxiliar do professor. Não a pesquisa que pode ser facilmente realizada nas lan houses, ou nas respostas prontas das enciclopédias, a pesquisa da qual falamos aqui é a pesquisa que faz com que os sujeitos do aprendizado saiam da escola, uma pesquisa que derrube as barreiras que se criaram entre a escola e o mundo.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ensinar é um desafio. Articular ensino e pesquisa é ainda mais desafiador. Para ensinar história, como qualquer disciplina, é preciso que sejam operacionalizados pelo professor dois processos fundamentais: um que visa criar efetivamente uma seleção cultural, ou seja, definimos entre os vários saberes disponíveis na sociedade, incluindo, atualmente, aqueles produzidos pela ciência, a operação de seleção cultural culmina com uma seleção de determinados os saberes a serem ensinados às novas gerações, processo que escamoteia os personagens ditos “marginais”, como o louco, a prostituta, o velho ou todo “corpo estranho”, para utilizar a metáfora de Guacira L. Louro (2004). Esta seleção implica opções culturais, políticas, éticas, possibilitando ênfases, destaques, omissões e negações. Esta seleção é sempre enraizada socialmente e é histórica, revelando interesses, projetos identitários e de legitimação de poderes instituídos ou a instituir, suscetível a mudanças e redefinições. Esta seleção se realiza e expressa nas propostas e nas práticas curriculares, processo de constituição do conhecimento escolar para a escola e pela escola. Escolhas que contribuem para o distanciamento que assistimos cotidianamente, onde a escola passa a parecer um elemento distinto da sociedade, sabemos que a questão não apenas atual, ela é histórica.

A segunda operacionalização feita pelo educador para passar o conteúdo é a chamada didatização ou transposição didática é o outro processo que possibilita que os saberes selecionados sejam possíveis de ser ensinados, sejam transformados em objetos de ensino através da mediação didática. A articulação dos dois processos, que se faz em função da finalidade educativa que orienta o ensino escolar, possibilita a formação de representações e de valores pelos alunos, a produção de sentidos e atribuição de significados a partir das situações de aprendizagem vivenciadas. O que desejo destacar é que, nesse processo, o ensino de história contribui de forma importante para a construção e reconstrução do conhecimento cotidiano, utilizado por todos nós para a vida comum, e no qual operamos com a “memória” – construção individual realizada a partir de referências culturais coletivas, embora não possamos dizer que exista uma memória coletiva.

A nossa preocupação central ao escreve este texto é pensarmos como a pesquisa pode fazer parte do cotidiano da escola. Não uma pesquisa que fique na superficialidade, mas que se estabeleça enquanto parte do conhecimento.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Mas um grande problema que se coloca é de que os professores raramente tem uma formação que possibilite esse diálogo com a pesquisa. Um processo que se arrasta desde longos anos. Nesse processo, professores, gestores e profissionais da educação de uma maneira geral acabam sendo tomados por uma contradição que muitos de nós não consideramos quando ensinamos, e que atua de forma ativa nos processos de aprendizagem podendo gerar interferências, dificuldades de compreensão, bloqueios, por causa desses “medos” muitos professores acabam não criando uma cultura de pesquisa em sua sala de aula. Situação essa que pode ser mudada através de mecanismos de integração entre os alunos a sua realidade, os moradores de seu bairro, os seus avós, tios, etc. conhecimento que se dá nas malhas do cotidiano e que chega a sala de aula.

Certa vez indagando um professor história perguntei se ele discutia com seus alunos a diferenciação que há entre história e memória, a resposta foi não, alegando que seria uma coisa muito complicada e que preferiria não adentrar na discussão, após a conversa, levei o clássico texto de Nora *“Entre memória e história. A problemática dos lugares”* (1993) em que o autor propõe de maneira sucinta a diferenciação entre a memória e a história, infelizmente precisamos de mais incentivos para pesquisar, para trazermos a pesquisa para sala de aula. Para melhor explicar esta contradição, trago para discussão a proposição de Nora sobre a relação entre história e memória, que dialogam, se alimentam e se contrapõem¹.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno o presente; a história, uma representação do passado. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora. 1993)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A sala de aula e em especial o ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se entrecruzam, com os alunos, espaço em que as memórias podem dialogar com o conhecimento, e como não poderia ser diferente entram em conflito; lugar no qual, também, se busca a afirmação e registro de - ou onde se desenvolvem embates entre - determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo, prescritas pela instituição em que se localiza; “lugar de fronteira”, que possibilita o diálogo entre memórias e “história conhecimento escolar”, com o aprofundamento, ampliação, crítica e (re) elaboração para uso no cotidiano.

A pesquisa escolar é um fazer-se. Pesquisa não se aprende quando nos sentamos nos nossos birôs e cobramos silêncios, comportamento. A pesquisa escolar se dá com o corpo em movimento, na busca de personagens, de histórias. Fazer com que os jovens se apaixonem pela história não faz obrigatoriamente que lancemos mãos de espetáculos midiáticos (filmes, documentários, etc.). Segundo Bittencourt (2009. p, 14)

“O momento atual tem proporcionado a introdução de algumas reflexões sobre a necessidade urgente do ofício do historiador e do professor de história no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual marcada por incertezas e perspectivas indefinidas.”

Pensar uma prática de ensino atrelada a uma pesquisa de campo pode exigir uma maior disposição do professor bem como do aluno, pode demandar tempo, discussão teórica e metodológica, mas pode tornar a educação uma coisa mais atraente, mais convidativa. Tomemos por princípio que o aluno que pesquisa constrói conhecimento. É ele mesmo autor da pesquisa, deixou de ser um mero espectador dentro de um processo de conhecimento homogeneizante. A pesquisa com a memória de velhos pode proporcionar um conhecimento sobre a família, o bairro em que vivem, ou mesmo pode se motivar uma pesquisa dentro da própria escola, entrevistar os antigos professores, auxiliares. Assim a pesquisa deixa de ser algo distante e torna-se uma coisa comum, não no sentido de ser qualquer coisa, mas comum pela familiaridade que pode ser criada.

A memória dos antigos professores, a história da educação do município, tudo isso mostra que a relação entre pesquisa e o ensino de história pode ser possível e mais ainda, pode ser fecundo. A nossa proposta foi de proporcionar aos leitores uma reflexão em torno de uma prática de ensino não inovadora, mas pouco usada, a pesquisa. Acreditamos que podemos sair do tradicionalismo, livro didático, quadro negro, etc. proporcionando ao estudante um caminho





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

alternativo, fazendo com que ele vá, saia da escola e como um pássaro encontre onde pousar e no seu pouso colher memórias, como fez Ecléa Bosi com seus velhos na cidade de São Paulo. Proporcionar uma pesquisa que dialogue com o ensino e a memória implica em estabelecer laços com aquilo que é a matéria prima do historiador, o tempo. Portanto, a memória com suas dobras, para usar o termo de Barrenechea, é uma possibilidade inovadora e ao mesmo tempo útil. Os alunos de ensino fundamental e médio podem sair com seus gravadores, seus blocos de papel e criarem uma nova aula de história, onde a memória não seja só lida, mas seja ouvida. Se o professor é aquele que dá o texto a ler (Larrosa, 2010. p, 140) também pode ser aquele que dá o impulso a se buscar memória e estabelecer com ela dialogo (s).

Notas:

1. O debate que em parte é aqui relatado surgiu em um encontro a professora titular de uma turma de 7º ano da rede pública de ensino na cidade de Campina Grande - PB, durante o período de Estágio Supervisionado I.

Referências

- BARRENECHEA. Miguel Angel de. **As dobras da memória**. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- BITTECOURT. Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: _____. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. – São Paulo: Contexto, 2009. – (Repensando o ensino). (pp,11-27)
- BOSI. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU. Michel. **A invenção do cotidiano1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.
- GALLO. Silvio. **Repensar a educação**: Foucault. Revista Educação & Realidade. Jan./Jun. 2004. (pp.79/97).
- HALBWACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, 1990.
- LARROSA. Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. – 5ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- LOURO. Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria do queer. – Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- LUCA. Tânia Regina de. e PINSKY. Carla Bassanezi (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. – São Paulo: Contexto, 2009.
- MACHADO. Roberto. **Ciência e saber** – a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MEIHY. José Carlos Sebe Bom. e HOLANDA. Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. – São Paulo: Contexto, 2007.
- NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, São Paulo: n.10. 1993.
- POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989 p. 3-15.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

SEIXAS. Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemáticas atuais. In; BRESCIANI. Stella e NAXARA. Márcia. (orgs.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. (pp, 37-58).

TEDESCO. João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. – Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

